

cabo de um lustro de leal amar e fiel servir, a primeira cadeira na côrte do inflamado filho de Vulcão a Macias, como grande e virtuoso martir de Cupido, não menos triste que desprezador da morte. Com dezoito, a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo, no dizer encomiastico do chronista nacional, tomara a peito ser paladino do feminil linhage, realizando o ideal paterno que o filho de D. Felipa e adversario de D. Leonor de Aragão não tivera a fortuna de attingir. Nunca casado, embora chegasse aos 37 (1), viveu na flôr da juventude como bandido e desherdado, sentindo o pungir amargo da saudade. Ao ver succumbir aos golpes da fatalidade toda a familia dispersa, desejou tomar a cruz, aceitando o convite dirigido por Calixto III aos príncipes christãos depois da tomada de Constantinopla. Infeliz num throno que o Regente experimentado teria talvez defendido com exito contra a astuta diplomacia do pae de Fernando o Catholico, morreu finalmente de consumpção, em terra estranha, como o leitor sabe. Sincero quando ia compondo a *Satyra* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo*, não o era menos ao redigir a *Tragedia* christanmente pessimista—de 1447 até 1459.

*
* *

Concluindo este capitulo peço venia para acentuar que não ha sombra de deslealdade nesta tardia critica a certas opiniões de um eminente escriptor, ao qual toda a Peninsula tributa justissima homenagem. Em conversa particular e em correspondencia expus ao meu illustre amigo todos os factos e todas as minhas duvidas, promettendo-lhe detalhar um dia a exposiçãõ que aqui deixo apenas levemente esboçada. Tampouco occultei a Fernando Palha as minhas ideias sobre o Condestavel e as minhas conjecturas sobre o codice, cuja publicação se deve á sua generosidade.

(1) No fim da vida, como Rei de Aragão, é que resolveu consorciar-se com D. Margarida de Inglaterra.

X

AS OBRAS DO CONDESTAVEL

Da *Satyra* fallaram proficientemente Amador de los Rios, Octavio de Toledo, Paz y Melia, Menendez y Pelayo. Amargo fruto de amores estorvados, pertence, ainda assim, a um periodo de sossego e gozo relativo na vida do Condestavel, quando vivia na patria (entre Tejo e Guadiana) no seu mestrado de Avis, engolphando-se nas lettras para dominar a sua paixãõ angustiosa. Escripãõ em portuguez, em meados de 1448 (1), foi novamente redigida em castelhano, depois de 1449, na côrte de D. Juan II.

Com relaçaõ ao *Poema do Menosprezo do Mundo*, varios pontos estãõ, pelo contrario, por elucidar—o que, porém, poderá ser feito com vantagem sómente por quem tiver oportunidade de examinar e collacionar os manuscriptos e os impressos que subsistem: o velho codice, coetaneo do Condestavel, datado de 1457, com dedicatoria a D. Affonso V, que se guarda na *Bibl. Nac.* de Madrid (marcado M-69; de 70 ff.); outro tambem do sec. xv que o P.^o Mendez possuia em tempos (de 153 pag.) (2); os preciosos impressos gothicos, sem anno nem lugar, conservados em Madrid e Londres; e o exemplar de Lisboa que foi aproveitado consecutivamente por Barbosa Machado, Ribeiro dos Santos, a auctora d'estas linhas, e Oliveira Martins.

Não fallo do erro evidente dos que, desconhecendo a

(1) O Condestavel nasceu em fins de 1429; contava quatorze quando se apaixonou; e dezoito, com mais oito menses, ao redigir as glosas por occasiãõ do eclipse que teve lugar a 29 de Agosto de 1448.

(2) Desconheço o seu actual paradeiro e julgo que Garcia Perez se enganou, affirmando que estava em poder de D. Dionysio Hidalgo.

Tragedia, consideram as Coplas, compostas durante o desterro (depois do fim de Alvaro de Luna, mas antes da morte da Rainha, á qual ha referencias nas Glosas) como o canto de cysne do homem iniquamente perseguido pela desgraça. Nem discuto as indicações do P.^o Mendez, que julgo erradas, sobre o numero das coplas. Elle é o unico que contou 126 (ou 1008 versos), tanto no impresso que viu, como no seu MS. Outros fallaram de 124, como Barbosa Machado e Ribeiro dos Santos. Mas os exemplares impressos mencionam no titulo precisamente *mil versos* (1), e no Proemio manuscripto, visto pelo bibliographo castelhano, o proprio Condestavel emprega a mesma formula, dizendo ao monarca: *lea los MIL VERSOS míos, acompañados de algunas glosas, los quales yo, caminando por deportar e pasar tiempo, a la feria passada de Medina, en mi viaje hove la introduccion e la invencion d'ellas feriado.*

Nem posso tratar das variantes que se notam nas estrophes transcriptas por Mendez (2). Suspeito que não as copiou com rigor paleographico, modernizando a orthographia (3). Tão pouco me atrevo a decidir sobre o que haverá de aproveitavel nas informações de Ribeiro dos Santos (4), o Conde de Ericeira (5), e bibliographos estrangeiros como Leichius, Hain, Diosdado a respeito dos exemplares que elles dizem impressos ora 6, ora 8 ou 9 annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de impressão. Pode muito bem ser que taes notas, tão pare-

(1) *Coplas fechas por el muy illustre Señor Infante d^o Pedro de Portugal en las quales ay mil versos con sus glosas etc.*

(2) De resto, é bem sabido que ha freqüentemente divergencias notaveis em exemplares da mesma edição antiga, p. ex. nos do Canc. de Res. A tiragem vagarosa permittia ao corrector e, ás vezes aos auctores, a revisão repetida dos textos.

(3) No primeiro verso Mendez tem a boa lição *celso*. Os impressos de Londres e Lisboa teem *excelso*.

(4) *Memorias de Litt. Port.*, VIII, 62-65.

(5) *Mem. Acad. Real Hist.*, 1724, N.^o XXIII. Cf. Soares da Silva, I, 365, e IV, 463; Juan de Villanueva, 1732.

cidas entre si e ainda assim tão diversas quanto ao ponto capital, fossem accrescentos *manuscriptos* a um exemplar, (ou a varios exemplares) da bella impressão gothica in-folio pequeno, promovida por Antonio d'Urrea, e nascessem do natural desejo de lhe assignar data certa. Direi apenas que o facto de nenhum entre os que descreveram esta ultima se referir ao *Prologo* do editor catalão, não me parece de grande importancia. Impresso numa folha solta, anteposta aos quatro cadernos de que a edição das *Coplas* se compõe, o importante documento falta tambem nos exemplares de Londres e Madrid, subsistindo exclusivamente no de Lisboa (1). Em tudo o mais julgo-os iguaes, contra o que ficou assente por O. de Toledo (2). Estudei cuidadosamente o exemplar lisbonense, dispondo de uma descripção detalhada do de Londres, graças ao cuidado do Dr. J. Pribsch. Mas falta-me a do madrileno. O erro *menesprecio* no titulo, faz suppôr todavia que todos os tres pertencem á mesma edição (3). O de Londres, proveniente da Bibl. de Salvá (4), mede 260 × 195^{cm}; o de Lisboa, menos cerceado, 280 × 210. A marca de agua é a mesma em ambos: uma mão, com uma flor sobre o dedo do meio. O de Londres conta 34 folhas como o de Madrid, registadas *áA—d D*; o de Lisboa outras tantas, com a do *Prologo* a mais.

As datas 1464 ou 1465, apuradas em meros calculos de probabilidade por arrojados bibliographos e historiadores nacionaes, como Soares da Silva e Ribeiro dos Santos, não merecem discussão. A de 1478, estabelecida para o exem-

(1) Bibl. Nac., *Reservados*, 776.

(2) No seu consciencioso estudo ha pouquissimos erros, se abstrahirmos das opiniões sobre as viagens do Infante, o desterro do Condestavel, e sobre a parte que Urrea teve na edição das Coplas. A esposa de D. Juan II não era filha del Rei D. João, mas antes neta do Infante D. João.

(3) A existencia de varias edições não seria muito estranhavel. Das Coplas religiosas de Fray Inigo de Mendoza e das philosophicas de Jorge Manrique tambem as houve successivas no sec. xv.

(4) *Catalogo*, N.^o 854.

plar de Lisboa por Oliveira Martins e outros, antes e depois d'elle, provém de uma nota manuscripta, lançada á margem do *Prólogo dirigido al muy illustre e reverendissimo señor en jhesu christo padre e señor dō Alfōso de aragon por la divina miseracion administrador perpetuo de la Iglesia: e arçobispado de çaragoça: lugarteniente general del rey nuestro señor en el reyno de aragon: fecho por Anthon Durrea que dirige a su alteza el presente libro*. E' evidente que o annotador quis indicar apenas como termo *a quo* o anno em que o filho do Rei catholico foi sagrado Arcebispo de Çaragoça (1). O termo *ad quem* seria 1520. O typo gothico, o papel grosso, e a falta de todas as datas tornam provavel a hypothese de ella pertencer ao sec. xv. Ao exemplar de Londres apposeram no *Catalogo* a data 1499. Salvá julgou-a feita em Portugal, perto de 1490.

Quanto ao lugar, não admira que em Portugal se decidissem por Lisboa. O P.^e Mendez que desfrutou um volume em que as Coplas do Condestavel iam juntas ás da *Vida de Christo* de Fray Iñigo de Mendoza e ás de Jorge Manrique, é do mesmo parecer (2), fundando-se na semelhança da impressão á das Coplas de Manrique, publicadas em 1501 por Valentim Fernandes, na capital portugueza. A nacionalidade tanto do divulgador Urrea, como do destinatario faz presumir que a sede do impressor seria Çaragoça, onde Paulo Hurus publicou tantas obras notaveis (3).

Os que attribuem as *Glosas* do exemplar de Lisboa a Antonio d'Urrea, não tiveram animo de as lêr, nem de as comparar com as dos codices. Nem tampouco examinaram

(1) Zurita, *Anales*, XX, c. 23. Ribeiro dos Santos, entendendo que o *Prologo* fôra escripto antes do Cardinalato de D. Affonso, infere que se imprimiu pelo menos em 1478. Barbosa Machado disse, com mais acertada cautela, antes de 1520.

(2) *Tipografia*, 2.^a ed., p. 68.

(3) Entre ellas as Coplas de Fray Iñigo de Mendoza, e um volume muito discutido (contendo as *Epistolas e Evangelhos* de Gonçalo Garcia de Sta. Maria) que se encontra na bibliotheca de Fernando Palha, em portuguezs.

o *Prologo*. Se o fizessem, teriam reconhecido que o Condestavel as escreveu *todas*, e que Urrea circumscreve ahi muito precisamente a pequena parte que lhe coube na publicação do texto. E diz: *Delibere a hun tan alto de prosapia real e reverendissimo señor dirigir las coplas y versos de yuso scriptos inuentados por personas inteligentes (note-se o plural!) e de la sciência para ello dotados. E ya sea ninguna obra de las aqui contenidas sea mia.... trabaje en divulgar la presente obra que quasi staua scōdida, la haziendo emprentar*. Infelizmente, não diz em que mãos parava e de onde provinha o manuscripto que aproveitou. Seria o n.º 82 dos inventariados em 1466?

Os versos menores que entendo dever attribuir ao Condestavel, são as cantigas que se costumam chamar impropriamente *del Rey Dom Pedro*, e precedem no Cancioneiro Geral as poesias do Regente, as de Mena e a reimpressão das *Coplas do Menosprezo* (1). Além d'isso, tres fragmentos do *Cancioneiro* VII-A-3 da Bibl. Regia de Madrid, dictas ahi *do Infante D. Pedro de Portugal* (2). Serão ellas realmente aquellas *gentiles cosas*, gabadas pelo Marques de Santillana, quando, depois de 1445, escrevia a sua *Carta* (3)? Não sei. Mas sei muito bem que cousas gentis eu attribuiria ao Condestavel, se fosse licito distribuirmos entre os lyricos do sec. xv os cantares velhos anonymos, conservados pelos poetas do seculo immediato. Parecem d'elle aquellas endechas tão tristes:

*Quien viesse aquel dia
quando quando quando
saliessse mi vida
de tanto bando!*

(1) Vol. II, 67-69.—Cf. Braga, *Poetas Palacianos*, 127; *Romania*, XI, 154; *Grundriss*, 251.—Confira-se, p. ex. a phrase *Vos soes o meu deos segundo*, com outra de igual encarecimento na *Satyra*, criticada na *Antologia*, VII, p. CXVIII.

(2) A. de los Rios, VII, 74.

(3) A' *Satyra* mal quadraria aquelle epitheto.

recolhidas e lindamente paraphraseadas por outro melancholico, o philosopho da Tapada (1).

Conheço poucos escriptos do Condestavel em prosa portuguesa: o *Conselho* sobre as guerras africanas (no genero dos que o Infante costumava dirigir a D. Duarte), a que já me referi; uma carta ao chronista Zurara, datada de Avis, 11 de Junho de 1460 (2), do tempo portanto em que Dom Pedro estava novamente restaurado na dignidade de mestre da Ordem (3). Ahi residia doente e recluso, aterrado por novas tristezas como a morte do irmão dilecto, em Florença, e a da mãe em Coimbra Do discurso de *despedida*, entregue á Princesa D. Joanna pelo Rei D. Affonso, já ficou assente que não vejo razão decisiva para abjudicá-lo ao monarca, adjudicando-o a seu cunhado.

XI

PAINE POUR IOIE

A *fortuna com a sua roda* que apparece pintada no principio da *Tragedia*, ou simplesmente *a roda da fortuna*, forma o *corpo* da empresa do Condestavel, cuja alma reluz no lemma que ahi mesmo se acha inscripto: *Paine pour ioie* (4). O mesmo moto francês encontra-se ainda em outros

(1) Sá de Miranda, N.º 136 e p. 447. — Cf. Caminha, ed. Pribsch, N.º 255, e Bernardes, *Flores do Lima*, p. 147.

(2) No *Panorama* de 1841 (p. 336) onde se encontra impressa, lê-se 1406, o que é evidentemente erro de imprensa.

(3) Temos a prova em certa doação do Mestre ao seu guardaroupa Frei Diogo d'Azambuja, um dos fieis que levou a Barcelona. — V. *Documentos Colombinos*, p. 8-9.

(4) As devisas da dynastia de Avis são em regra redigidas em francês. D. João I escolhera *Pour bien*; D. Felipa *Y me plet*; Dom Pedro *Désir*; D. Henrique *Talant de bien fere*; D. João *Jeai bieu reson*; D. Fernando *Le bien me plet*; D. Affonso V *Jamais*. Esta ultima talvez seja português, como o *pela grey* de D. João II.

livros (1) e mais objectos do seu uso (2) e tambem em monumentos architectonicos, por elle fundados, tanto em Portugal como p. ex. num chafariz do castello Flor da Rosa (Crato) (3), como em Catalunha onde assignalam certa philacteria de retabulo, uma janellinha do paço da Inquisição (hoje archivo real) e as impostas de mais duas janelas (4). Quando começaria a usar da melancholica devisa? Aos quatorze annos? Succedendo ao Infante Santo como Mestre de Avis? Subindo á dignidade de Condestavel? No acto de ser armado cavalleiro pelo Infante-Navegador, para em seguida marchar á frente de alguns milhares de armados em soccorro do Rei de Castella? Ou apenas depois da catastrophe de Alfarrobeira? O certo é que a divisa parece allusão directa ao infortunio da sua estirpe e traducção genuina do usual estado de alma do Condestavel, que só experimentara desillusões, tendo tantos motivos para esperar venturas.

Por isso mesmo é estranhavel que se tenha discutido sobre a significação das palavras francesas e que uma traducção tão disparatada como *modestia por alegria* podesse vingar (5). *Paine pour ioie* só pode dizer: *magas e tristezas*

(1) Na biblioteca do Condestavel havia uma *Chronica Geral de Hespanha e Portugal* em vulgar português (n.º 52), da qual já transcrevi a passagem final. A primeira folha, tendo uma cercadura de flores e aves, como a da *Tragedia*, ostenta na margem inferior as armas de Portugal sobre a cruz de Avis, sustentada por dous anjos que seguram uma banda com a devisa repetida *Paine pour ioie*. — Cf. Morel-Fatio, *Catalogue*, 248, e *Romania*, XI, 159.

(2) P. ex. uma arca em que se guardava um missal (n.º 49), provavelmente com mais alguns objectos do culto.

(3) No *Seculo*, de Lisboa, n.º 3.899 publicou-se em 1892 um artigo illustrado sobre este castello. — Cf. *Archivo Pittoresco*, V, 5.

(4) Balaguer y Merino, p. 6 e 69.

(5) Considero-a filha do que chamamos na Allemanha *Druckfehler-Teufel* isto é o *demo do erro de caixa*. Alguem traduzira de certo, fielmente embora com pouca elegancia, *molestia por alegria*. Um typographo imprimiu *modestia*. E graças á inercia dos que copiam sem critica, o dictado *modestia por alegria* correu mundo.

em vez de alegrias, ou então *pro bono malum* (1). Mas como o *moto* realmente bom ha de ser vago, enigmático e susceptível de diversas interpretações, pode-se admittir ainda a versão livre de Balaguer: *soffrer para gozar*, i. é aturar penas e amargores neste mundo para merecer gozos celestes em outro melhor.

A *roda* sem a devisa apparece em alguns codices da livraria do Condestavel, guarnecidos além d'isso com as armas de Portugal, Inglaterra, Aragão e Urgel (2). Balaguer e Morel-Fatio opinam que taes volumes pertenceram a um fundo herdado do Regente. Não concordo, embora o assumpto e a lingua em que estão escriptos, indiquem que o Rei intruso os trouxera da patria (3). A empresa do pae era a balança de S. Miguel; sua devisa a indeterminada formula: *désir!* E o Condestavel tinha todo o direito de usar das armas de Portugal como neto de D. João I; das de Inglaterra como neto de D. Felipa de Lencastre; e das de Aragão e Urgel pelos avós maternos: D. Jaime o *Desditoso* († 1433) e D. Isabel de Aragão.—Pode ser que os volumes indicados fossem dadas do Infante ao seu primogenito que tanto gostava de lêr, estudar e sonhar.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Porto, Abril de 1899.

(1) E' o *moto* de Ariosto.

(2) Nums. 4, 11, 58, 80 (e 29). E' todavia possivel que o auctor do Catalogo esquecesse de fallar da devisa.

(3) N.º 4 é um *Paulo Vergerio*, em portuguez, com muitos outros tratados—certamente a traducção do Infante, com mais obras d'elle.—N.º 11, um *Suetonio: Vida de Julio Cesar*, tambem em portuguez.—N.º 58, *O Orto do esposo*, collecção de contos de que ha um exemplar entre os codices alcobacenses.—N.º 29, de conteúdo desconhecido, e com o *moto* (deturpado?) *Sy vos no quiy eu.....*—N.º 80, um tratado *da immortalidade da alma*, em castelhano.

TRAGEDIA

DE LA

INSIGNE REYNA DOÑA YSABEL

(1).—PROLOGO

Al muy inclito e muy honesto e loable varon JAYME, Cardenal de Santestacio fecho por el su mayor hermano. Era millesima quadragesima nona.

Creeran los mas, segund yo pienso, que seyendo revocado del injusto destierro venido a la paternal tierra, algund consuelo e descanso me (1 v.) fuesse la tal venida al grave dolor que ove con la fin de la reyna mi señora e hermana, cuya noble anima aya perpetua folgança, mas yo te juro por los soberanos çielos, reverendissimo señor como a muy caro hermano mio, que el contrario me avino. Ca pensando muy a menudo en aquella dolorosa muerte, e regando con manante fuente de los mis ojos las mis mexillas e aun los mis pechos, yo dezia muchas vezes contra la soberana potestad: «O eternal dios por que ante nõ alargaste el mi exilio que darle fin con tanto mal mio? O señor benigno! ploguiera a ty echarme en las Indianas partes (2) mas separadas deste nuestro horizonte, e bevir aquella, cuya vida era a mí vida, cuya salud era a mí salud, e por el contrario su muerte a mí muerte e destruyçion. Et como con tanto mal a mi podia venir bien, o con tan esquivo pesar resçebir algund plazer? Ciertamente jamas no puede ser; ante mirando aquella tierra a donde murio mi señora, yo sentire doble angustia e dolor. Nõ fuera mejor que tu permitieras fuera conplido mi desseo, que bien poco antes desto sabes que tenia de tomar la cruz, e yr contra aquel impio e protervo puerco devorador del tu nombre, e bevir aquella que era manto e consuelo de nuestra (2 v.) fami-